

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA PÓLO DE TOMÉ- AÇU
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS PEDAGOGIA

DARLENNE DO NASCIMENTO PAIXÃO

**ESCOLA E FAMÍLIA MONOPARENTAL FEMININA: CONTRIBUIÇÕES
FAMILIARES E DIFICULDADES PEDAGÓGICAS NO PROCESSO ENSINO-
APRENDIZAGEM DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM QUATRO
BOCAS (TOMÉ-AÇU)**

Tomé- açu/ PA

2018

DARLENNE DO NASCIMENTO PAIXÃO

ESCOLA E FAMÍLIA MONOPARENTAL FEMININA: CONTRIBUIÇÕES FAMILIARES E DIFICULDADES PEDAGÓGICAS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM QUATRO-BOCAS (TOMÉ-AÇU).

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Pará- Campus Universitário de Abaetetuba como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado pleno em Pedagogia.

Orientador: Prof.º Dr. Dedival Brandão da Silva

Tomé- Açú/ PA

2018

AGRADECIMENTOS

Meus primeiros agradecimentos são a Deus por ter me concedido passar por toda a trajetória do curso. Em segundo lugar, meus sinceros votos de gratidão aos meus pais Sr. Damião e Sr.^a Esmerentina que sempre estiveram apoiando minha carreira acadêmica, presente em todos os momentos e aos meus amados filhos Diogo Rafael e João Victor por serem a minha fonte de inspiração para a permanência no curso.

Alguns amigos que sempre me davam uma palavra de incentivo quando eu pensava em desistir, posso citar alguns deles Paulo de Oliveira, Elcione Valadares, Silvanir Dias, Arlete Basílio entre outros tantos que contribuíram de alguma forma para que essa conquista viesse a se concretizar.

Agradeço a turma Pedagogia 2014 pelos quatro anos que podemos conviver e compartilhar os mais variados conhecimentos, vários momentos descontraídos, vários momentos difíceis mas que valeram a pena. Espero que cada um de nós possa evoluir tanto pessoal como profissionalmente porque nunca estamos prontos, somos eternos aprendizes, e que possamos levar essa amizade para sempre.

Não poderia de deixar de agradecer à paciência de meu Orientador Professor Doutor Divaldo Brandão, pessoa de muita sabedoria e capacidade que tanto me ajudou nesse período de construção do Trabalho de Conclusão de Curso, pois, foi um período extremamente intenso de atividades, com meu filho pequeno, alguns problemas de saúde, dificuldade de logística na busca de materiais teóricos, entre outros problemas que vivia no momento, e ele sempre buscava me orientar da melhor forma possível.

E por fim agradeço a toda equipe de educadores do Campus da UFPA que estiveram ministrando as Disciplinas de forma bem eficiente que contribuiu positivamente para que eu pudesse aumentar meus conhecimentos e ajudar em minha formação tanto pessoal como profissional.

RESUMO

Este estudo visa compreender as formas de educar de famílias monoparentais femininas e como a escola atua frente as dificuldades pedagógicas presentes no seu dia a dia. Partimos da ideia de que escola e família são instituições educativas que possuem papéis diferentes na educação dos indivíduos mas que devem se complementar. Como suporte teórico para discutir o primeiro capítulo Dias (2017), Nascimento (2006), Ariès (1987), Brito (2008) e Santana (2014). Em seguida, é apresentado o contexto social e as percepções de educação de mães chefes de família, tendo como apoio os estudos de Certeau (2003) e Marinho-Araújo e Oliveira (2010). Os resultados apontaram que as mães em situação monoparental dedicam-se ao máximo para conciliar o trabalho e a vida escolar de seus filhos desenvolvendo ainda em seu cotidiano diversas formas de educação familiar, a escola também adota algumas práticas que incentivam a participação dessas famílias no ambiente escolar, mas que ainda enfrenta grandes dificuldades nesse âmbito, inclusive também quanto à formas indesejadas de comportamento de vários alunos advindos dessa tipologia familiar.

Palavras-chave: Família monoparental feminina. Educação. Cotidiano escolar. Conflitos. Ensino e aprendizagem.

Sumário

INTRODUÇÃO	4
I-A DIMENSÃO SOCIOLÓGICA E EDUCATIVA DA FAMÍLIA: PRIMEIRA INSTITUIÇÃO SOCIALIZADORA	8
II- FAMÍLIAS MONOPARENTAIS FEMININAS E AS MÚLTIPLAS PERCEPÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO PARA OS FILHOS	17
2.1 Famílias Monoparentais femininas: Contexto e situação social.....	18
2.2 Famílias Monoparentais Femininas: Percepções de Educação	21
III-- PRÁTICAS DA ESCOLA NA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA: UMA RELAÇÃO NEM SEMPRE FAMILIAR E CONFLITUOSA	29
3.1 Entre a Prática e o Discurso	32
3.2.. Prática política e cotidiano escolar: Uma relação conflituosa.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

Neste trabalho é tratado o tema “Escola e Famílias Monoparentais Femininas: contribuições familiares e dificuldades pedagógicas no processo ensino-aprendizagem de alunos do ensino fundamental em Quatro-Bocas (Tomé-Açu). A escolha do tema passou por três modificações e na última Disciplina de Pesquisa da grade curricular do curso que estou finalizando fixou-se tal como pode se observar acima. Foi uma escolha derivada de minhas curiosidades sobre esta relação já que as famílias monoparentais femininas são um dos vários segmentos de família que mais tem crescido em nossa sociedade e a escola geralmente tende a ser resistente à mudanças ou adaptações.

Como base para um maior conhecimento da temática fiz a leitura de alguns poucos artigos que encontrei e duas monografias referentes, assim a pesquisa bibliográfica foi o meu primeiro contato. As famílias monoparentais femininas não são uma invenção da modernidade elas já existiam em tempos bem mais recuados da história. Porém, devido a mudanças ocorridas na sociedade tais como a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a legalidade do divórcio, inseminação, etc. houve um aumento perceptível desse grupo familiar e como todo fenômeno social precisa ser investigado, conhecido suas particularidades e essência.

Para conduzir tal pesquisa, de início eu juntamente com meu orientador professor Dr. Dederal Brandão da Silva, classificamos os sujeitos a serem contatados: Mães chefes de família, o gestor escolar, coordenador pedagógico e alguns professores. Em seguida, produzimos o roteiro de entrevista semiestruturada, aquela que permite ao pesquisador direcionar e conduzir o rumo da conversa, sendo estas direcionadas às mães e ao gestor escolar.

Em seguida para dar mais suporte e não ficar somente no discurso dos sujeitos, avaliamos que seria pertinente a observação participante, tanto do cotidiano escolar como do cotidiano familiar. Sobre a entrevista semiestruturada André e Ludke (1986, p.34) dizem: “Como se realizam de maneira exclusiva, seja com indivíduos ou com grupos, a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações

desejadas”. Sendo assim, ao poder estar fazendo parte ou conduzindo a entrevista junto com o informante a obtenção dos dados se torna mais abrangente.

O processo de investigação ocorreu no Município de Tomé-Açu, na cidade de Quatro-Bocas, onde residem as quatro mulheres chefes de família sendo estas solteiras e onde situa-se a escola Lauris Pimentel que foi também o lócus da pesquisa. O contato com as mães ocorreu de forma presencial como eu já conhecia uma das mães que tinham filhos na escola que viria a ser pesquisada foi mais fácil encontrar outras que eram conhecidas dessa minha amiga.

O tipo de pesquisa utilizado neste trabalho foi qualitativa, que de acordo com Chizzotti (2006, pg. 28), “este termo é genérico e serve para designar pesquisas que, usando ou não, quantificações, pretendem interpretar o sentido do evento a partir do significado que as pessoas atribuem ao que falam e fazem”. Em outras palavras, a pesquisa qualitativa fundamenta-se no estudo mais sistemático dos dizeres do senso comum sobre uma determinada realidade, podendo ter dados quantitativos ou não, revelando assim a essência dos acontecimentos, e não apenas suas aparências.

A entrevista com o gestor escolar aconteceu no lócus de seu trabalho após o mesmo ter optado pelo turno da tarde de uma segunda-feira. Esses dados foram gravados e transcritos para serem analisados assim como os da entrevista com as famílias e que foram feitos recortes das falas que eu julguei necessárias para serem inseridas e interpretadas neste texto. Estas entrevistas foram feitas no domicílio das informantes nos horários mais acessíveis de acordo com a disponibilidade delas. E o processo de observação aconteceu tanto no ambiente escolar como no ambiente familiar.

O presente estudo está estruturado em três capítulos, sendo que tais produções interligadas facilitam o entendimento da dimensão sociológica e educativa da família e como as famílias monoparentais femininas são extensões de tipos familiares existentes pode-se entender um pouco mais como esta interage no ambiente escolar dos filhos a partir de suas próprias concepções e os incentivos da escola.

Para a conceituação do termo famílias monoparentais femininas utilizei o autor Santos, (2008), citando VITALLE (2002). Para os demais aspectos desde a visão sociológica da família até chegar no tipo estudado, o diálogo aconteceu com os autores Spiro (1981), Nascimento (2006), Ariès (1987), Dias (2017) e Brito (2008).

No primeiro capítulo apresento alguns conceitos gerais sobre família, a dimensão sociológica da mesma levando em conta ser resultado da cultura, mudanças que ocorreram na sociedade e o auge das famílias monoparentais femininas e através de relatos de mães solteiras do Município de Tomé-Açu procuro demonstrar como esta (a família) é a primeira instituição socializadora do indivíduo.

No segundo capítulo é apresentado no sub tópico I uma breve descrição do contexto social em que vivem quatro mulheres (Duda, Lia, Mara e Luana) que sustentam e educam sozinhas seus filhos, e no sub tópico II, trago a interpretação dos dados resultantes de entrevistas feitas com essas mulheres já mencionadas visando compreender um pouco sobre suas percepções de educação para os filhos já que elas vivem em contextos diferenciados, o que não diferiu muito suas percepções, mas que apresentam suas maneiras em como buscar esses objetivos.

E no último capítulo sendo este composto de dois sub tópicos também, no primeiro são apresentadas os aspectos físicos da escola, lócus da pesquisa e também a análise do discurso de alguns funcionários da escola como o gestor e a coordenadora pedagógica tendo como foco o desenvolver da relação destes com as famílias monoparentais femininas, suas limitações, suas estratégias de como aproximar mais essa vivência. No tópico seguinte informo uma visão geral de como todos esses aspectos, cotidiano familiar, cotidiano escolar geram uma relação conflituosa, no que diz respeito as intenções relatadas pela gestão escolar no seu discurso mas que na prática, a postura desses profissionais ainda não acompanha realmente o seu discurso.

Através desta pesquisa objetivo situar mais como é a realidade de mulheres que chefiam suas famílias sendo responsáveis por tudo, principalmente pela primeira formação educativa dessas crianças, sendo tachadas de impotentes, fracas quando seus filhos não apresentam certos comportamentos desejados pela equipe escolar e ainda como se apresenta algumas visões da gestão escolar para com esse tipo familiar. Almejando assim, mais uma reflexão sobre essas realidades encontradas no ambiente escolar e que possa servir de inspiração para que se continuem pesquisas nesse eixo já que elas ainda estão em número bem reduzido e eram inexistentes aqui no meu Município de origem no qual realizei esta pesquisa.

I-A DIMENSÃO SOCIOLÓGICA E EDUCATIVA DA FAMÍLIA: PRIMEIRA INSTITUIÇÃO SOCIALIZADORA.

Este capítulo abordará os conceitos gerais sobre família e específico de famílias monoparentais femininas, além de mostrar alguns comentários breves sobre o resultado de uma entrevista realizada com quatro mulheres chefes de família que residem no Município de Tomé-Açu e que através desses relatos procura-se mostrar que a família é a primeira instituição socializadora da criança e que sua dimensão sociológica está no que diz respeito a sua constituição conforme a cultura de determinada sociedade.

Família é uma instituição que tem como alicerce principal o vínculo de intimidade e afetividade entre os membros que a compõem. Estes por sua vez têm como prioridade proteger e cuidar uns dos outros. Pois é na família que, segundo Nascimento (2006, p.2), “os filhos e demais membros encontram o espaço que lhes garantem a sobrevivência, desenvolvimento, bem-estar e proteção integral através de aportes afetivos e, sobretudo, materiais”.

Embora não seja possível elaborar um conceito global para definir família, um aspecto em especial se torna similar para todos os grupos ou estrutura familiar. Tal aspecto está diretamente ligado à manutenção da sobrevivência dos sujeitos que a compõem. Estar em família, segundo Melchiori, Rodrigues e Maia (2014) é poder sempre contar com alguém ou algumas pessoas para obter apoio, segurança e afetividade. Além de que a família possa ser uma referência para todos os seus membros.

É certo que houveram muitas mudanças no processo de organização da família até nos dias de hoje. Nos trabalhos de Ariès (1987, p. 273) pode-se visualizar que até no século XVII, as famílias mantinham uma relação totalmente diferente da que conhecemos hoje. Até aquele momento da história não havia toda essa preocupação familiar em tomar as rédeas na educação dos filhos, já que naquele período as crianças eram educadas ao vivenciarem as práticas dos adultos.

E o mais interessante nesse processo é que esses adultos que ensinavam as crianças não eram seus pais e “não havia lugar para a escola nessa transmissão através da aprendizagem direta de uma geração a outra” Ariès (1987, p. 229). Isto é, a educação das crianças era voltada as atividades que os adultos desempenhavam dentro da sociedade, sendo internalizadas pelos aprendizes ao estarem lado a lado

com essas práticas no dia a dia. Com o passar do tempo surge um aumento do laço de intimidade da família para com seus filhos, sendo que a partir daí, esta toma para si a responsabilidade de cuidar e educá-los.

Tal prática fundamenta-se na busca constante de métodos e estratégias para garantir a sobrevivência, os cuidados com a saúde, educação, moradia, alimentação, enfim, o bem-estar dos filhos, não sendo portanto estas práticas desempenhadas por outros. E no desenrolar do cotidiano foram surgindo novas necessidades de adaptações na família que atualmente os cuidados e a educação dos filhos já não se concentram somente aos pais eles se estendem a parentes próximos e até vizinhos muitas vezes como quando os pais trabalham e a criança precisa ficar com alguém da família. Mas mesmo assim, o teor educacional da família da criança tende a ser o que flui com mais peso em sua formação psicológica, afetiva e moral.

A família é uma invenção da cultura segundo Spiro (1981), por isso mesmo a primeira carrega toda uma carga de características da segunda, devido a segunda ser resultado das relações humanas. Relações estas que derivam do convívio entre grupos de pessoas que trocam informações e conhecimentos. Ainda na visão deste autor, a sociedade somente permanece em desenvolvimento devido a existência da família sendo que esta última desempenha as funções econômica, reprodutiva, sexual e educativa, requisitos básicos para a sobrevivência de qualquer sociedade.

Tal constatação leva em conta que a sociedade é formada por vários grupos de pessoas e esses grupos recebem a denominação de família. Para que existam estas famílias é preciso que duas pessoas do sexo oposto mantenham uma menor proximidade física possível para que ocorra a reprodução. A partir do momento que há a reprodução inicia-se a função educativa e por conseguinte a econômica, requisitos básicos para que uma sociedade permaneça em movimento segundo as ideias do mesmo autor.

Como estão inseridas em uma sociedade que sempre está em mudança, as famílias não se mantêm estáticas elas vão se configurando conforme são afetadas por essas mudanças. De acordo com Dias (2017),

Associado a essas transformações está o rompimento do matrimônio, separações, a formação de novas famílias e a mulher assumindo o estatuto como chefe de família. Dessa forma, a concepção de família está sendo repensada e aperfeiçoada de acordo com cada período.

Ainda hoje o modelo de família com o pai, a mãe e os filhos é bastante presente em nosso meio devido esse modelo familiar ter vigorado unicamente por muito tempo, porém, como já foi dito, o desenrolar da sociedade influencia o comportamento e composições familiares. Por isso ultimamente devido ao auge de *enes* variáveis têm-se presenciado diversas formas de constituições familiares e não mais um modelo único e, as famílias monoparentais femininas são apenas um exemplo desses modelos variados de família da atualidade.

A existência de famílias monoparentais não é algo novo, ela já era presente em tempos bem mais antigos, porém, neste período este tipo de organização familiar dava-se devido principalmente ao falecimento de um dos conjugues. Santana (2014) *apud* Leite (2003). Então neste caso as crianças ou adolescentes ficavam sob a responsabilidade de um adulto apenas, constituindo assim o que chamamos hoje de família monoparental. Isto é, um responsável adulto feminino ou masculino que cuida e educa uma ou mais crianças ou adolescentes.

A expressão "famílias monoparentais" foi utilizada por Nadine Lefaucher, na França, desde a metade dos anos setenta, para designar as unidades domésticas em que as pessoas vivem sem conjugue, com um ou vários filhos com menos de 25 anos. (Brito, 2008 *apud* VITALLE, 2002: 47). Desse modo, a expressão que usamos hoje para designar este tipo de família só foi criada no século XX na França. As famílias monoparentais femininas se constituem como tal devido a variáveis inúmeras, como o divórcio, falta de reconhecimento de paternidade, adoção, inseminação, viuvez, entre outras.

No Brasil vem se observando um aumento significativo de famílias monoparentais femininas. Brito (2008) aponta que:

As famílias chefiadas por mulheres têm crescido nas últimas décadas. De acordo com o Censo Demográfico de 2000, correspondem a 11,1 milhões de famílias. Uma em cada quatro famílias brasileiras é chefiada por mulheres. Nesse universo, a maioria das mulheres responsáveis pelo domicílio está em situação mono parental.

Entende-se por chefia familiar feminina segundo o trabalho de Álvares (2003), primeiro, onde no grupo doméstico a mulher exerce além de outras funções, a de provedora financeira do lar, pois nessa situação não há a presença da figura masculina adulta exercendo tal função, segundo, também àquelas em que há a

presença do adulto masculino (esposo) mas que não contribui financeiramente ou apenas complementa a renda. Mas, para este trabalho vale a primeira explicação, pois o público-alvo são as famílias constituídas por mulheres que se responsabilizam pelos filhos sendo estas solteiras.

Dentre alguns fatores que contribuem para o aumento significativo de famílias chefiadas apenas pela mulher sem a presença de um homem, estão: a independência financeira feminina, a delegação dos cuidados com a criança para a mãe, sendo esta, uma construção histórico-cultural do nosso país, que delega os cuidados dos filhos à mãe, ao lado das altas taxas de divórcio, além da elevação da expectativa de vida feminina ficando a mesma (mulher) muitas vezes viúva.

Quanto à independência financeira, Brito (2008) *apud* VITALLE (2002), ressalta que [...] “é apontado que as mulheres, hoje, ganharam maior independência e, portanto, podem assumir suas famílias”. Esta é uma das visões que para muitos funciona como requisito para que as mulheres fiquem com a guarda dos filhos. Sendo que muitas vezes o pai não tem condições financeiras suficientes ou não aceita mesmo arcar com as despesas do filho. Ao separar-se do marido com o qual viveu 5 anos juntos, Duda afirma: [...] “do pai das minhas duas filhas quase nunca recebo ajuda e quando ele manda algum dinheiro não dá quase pra nada[...]”. Percebe-se que não há a preocupação do pai em manter financeiramente seus filhos e que a mãe sozinha precisa arcar com praticamente todas as despesas.

Apesar de a mulher ter conquistado vários espaços fora de casa, ainda hoje há aquela visão do cuidar de filhos ligado ao feminino, sendo este também um dos motivos para que em uma separação os filhos fiquem com a mãe. Além dos casos de gravidez indesejada que também são muitos e que desembocam nessa mesma situação, da criança geralmente ficar com a mãe. Situações essas que permeiam as famílias monoparentais femininas existentes, neste trabalho apresentam-se relatos de quatro delas.

O cuidar dos filhos ligados ao feminino é uma questão biológica e social, pois, tendo como base a importância da mãe para o bem-estar dos filhos principalmente durante os primeiros anos de vida é bastante relevante. E o social é que por muito tempo perdurou a realidade da família nuclear, isto é, o pai era o provedor financeiro do lar, enquanto que à mãe cabia o papel de cuidar dos filhos em casa. Isso levou a uma confirmação social tanto do homem como da mulher, claro que há as exceções, de que os cuidados com as crianças são bem mais desenvolvidos pela mãe.

A partir do momento em que seja como e qual for a composição familiar que se têm em sua união crianças ou adolescentes, a função para com esses dependentes será educar, repassar valores, normas, regras que regem o meio singular (o ambiente de moradia) e o meio extenso (outros espaços de socialização). Sendo que essa educação familiar deverá por obrigação estar contemplando comportamentos considerados plenos para o bom funcionamento da sociedade em geral.

Para que haja um bom desenvolvimento da criança (aluno) não depende exclusivamente de a mesma ter um pai e a mãe morando juntos, há outras formas de conduzir o crescimento e o desenvolvimento de uma criança. Por exemplo existem as creches, as escolas de tempo integral que desenvolvem as funções educativas escolares e parentes próximos, que acolhem essas crianças enquanto as mães trabalham.

Uma das mães que participaram das entrevistas é Lia, tem 29 anos e é responsável pela sua filha desde o seu nascimento, pois nunca morou junto com o pai da menina e também não deseja procurar outro parceiro pois receia outra decepção amorosa. Além de si própria ela conta com sua mãe para ajudá-la nos cuidados e educação da menina, visto que trabalha fora e enquanto isso a avó assume tal função.

Lia é mãe de uma garota de 6 anos que está cursando o 1º ano do ensino fundamental. Esta mãe ao ser questionada sobre o papel da educação familiar revela que: “a criança deve ser educada desde pequena, deve-se ir mostrando os valores, ensinando as regras e dando limites”. Mas, que esse trabalho fica difícil de ser desenvolvido com a criança quando há divergências entre as formas de educar da mãe e da outra pessoa que fica com a criança boa parte do tempo em que a mesma se encontra ausente, por exemplo. Lia diz mais: “a minha filha se comporta de uma forma comigo e com a mamãe ela já é totalmente diferente. A mamãe não dá limites a ela, não ensina as regras ela fica muito mimada”.

Durante minhas passagens de observação na casa de Lia pude perceber essa forma de comportamento dualista da garota em uma tarde em que ela estava brincando, a mãe disse que ao terminar tinha que guardar os brinquedos. Ela acatou o pedido da mãe ao ir juntar os brinquedos mas disse que se fosse com sua avó ela não precisava fazer aquilo já que ela mesma (sua avó) se encarregaria de fazer. É necessário uma dosagem equilibrada de permissões à criança, pois, desde cedo

deve-se ir ajudando-a a internalizar em sua subjetividade que o mundo em que a espera além do seu ambiente doméstico é regido por regras e limites que devem ser respeitados e seguidos sem que haja retaliações para com ela.

Trabalhar a questão da organização e delegar responsabilidades é uma forma de agregar conhecimentos práticos e valorativos, tais como ensinar à criança que ela após ter parado de brincar precisa guardar os seus brinquedos, ao chegar da escola não pode deixar sua mochila em qualquer lugar, ao ter sujado o chão ela precisa limpá-lo, e assim sucessivamente são formas de ajudar a criança desenvolver valores de colaboração e ajuda mútua que servem para a vida toda. Como a família é a primeira instituição formadora da criança é bem mais fácil para esta ir internalizando o que é ensinado pelos pais do que por qualquer outra pessoa.

Além de inserir a criança no mundo educativo é papel das famílias também proporcionar às mesmas momentos de lazer onde elas irão estar em contato com outras crianças desenvolvendo assim a interação social e afetiva. Quanto ao lazer das famílias entrevistadas elas participam pouco pois a cidade em que as mesmas residem não têm muitas opções de lazer para crianças muito menos para adultos. Através dos relatos das mães entrevistadas tais atividades se reduzem a passeios na praça, umas voltinhas de vez em quando à sorveteria e as festinhas cívicas e comemorativas realizadas pela escola.

É na família que se adquire toda uma bagagem de conhecimento que irá compor a subjetividade do indivíduo e acompanhá-lo durante toda a sua trajetória na vida em sociedade, tal bagagem está relacionada a costumes, condutas e regras de convívio social. Santana (2014) *apud* Carvalho (2008) afirma que:

A família é a expressão máxima da vida privada, espaço da intimidade, em que se constroem sentimentos. Isto é, as relações vividas e construídas em família refletem diretamente na socialização em sociedade na qual se está inserido.

É a partir do que se vive nesta primeira instituição que o indivíduo passa a pertencer pois do momento em que nasce até o fim de sua vida irá desenvolver relações com as outras instituições que terá contato em suas convivências cotidianas.

As mães chefes de família devem se adaptar a um maior leque de tarefas a serem executados por si mesmas, algumas vezes há parentes ou vizinhos que ajudam mas no restante são elas as responsáveis por tudo. Duda citada na página 11 é mãe de três filhos sendo duas meninas e um menino de 5 anos. Mora com a

filha mais velha e o filho, sua segunda filha mora com a avó materna. Ela conta que trabalhar fora e ainda ter que educar e cuidar de filhos é uma tarefa bem complexa e que exige muito esforço para estar em vários lugares no mesmo dia, fazendo “*enes*” coisas e não deixar que isso atrapalhe na educação dos pequenos.

Todos os dias pela manhã ela precisa acordar cedo para arrumar os filhos, fazer comida para o almoço e ir para o trabalho, depois de deixar seus filhos na escola. Como ela não tem um trabalho fixo, pode ir mais vezes na escola acompanhar o andamento educativo das crianças. Pelo menos duas vezes na semana ela vai à escola, quando não, ela telefona para as professoras para obter tais informações. Já o contrário acontece com Mara, outra mãe entrevistada, pois ela tem um trabalho fixo então o tempo que dispõe para estar na escola são mínimos e na frequência de uma vez por semana sempre na sexta-feira já que não está trabalhando, e também acompanha às reuniões de Pais e Mestres.

A necessidade de conseguir o capital financeiro para manter o ambiente doméstico muitas vezes acaba por impossibilitar muitas mães chefes de família de exercer uma maior participação no ambiente escolar que seus filhos frequentam, porém, há uma preocupação muito grande da parte delas em querer o melhor aproveitamento possível na formação de suas crianças.

Luana também tem uma filha e consegue acompanhar as atividades escolares da menina, pois ela é autônoma, então fica mais fácil ir à escola de vez em quando. Além de acompanhar a filha no ambiente escolar ela está sempre presente nas atividades que a professora manda para casa, segundo seu relato, como sua formação acadêmica é bem reduzida (nível fundamental incompleto) ainda tem condições de realizar o apoio relacionado aos conteúdos que a filha tem contato em sala de aula. A escola em que a filha de Luana frequenta está situada no Município de Tomé-Açu, na cidade de Quatro-Bocas, bairro novo horizonte sendo este afastado do centro e que será apresentada alguns aspectos de sua prática no capítulo seguinte deste trabalho.

O contato com as professoras pelas mães acontece de maneira presencial ou por telefone, já que desta maneira se torna bem mais prático segundo o relato de Duda. É muito importante a presença dos pais na rotina escolar dos filhos pois estes são peças fundamentais na elevação da auto estima da criança havendo uma confirmação de suas ações pela mãe ao ver que seu filho está ali em um ambiente que irá ajudá-lo a se desenvolver cognitivo, físico e emocionalmente. A criança

sente-se apoiada e terá um impulso a mais para estar naquele local que também é de seus pais sendo assim um ambiente familiar pode ser tornar mais prazeroso e não uma mera forma de participar por obrigação.

Mara não leva os filhos à escola porque mora bem próximo então confia a eles esse trajeto. Às vezes ela vai buscá-los e aproveita para conversar com a professora deles certificando-se de que tudo está ocorrendo bem. As professoras são bem presentes na hora do recreio das crianças, através de minhas observações constatei que os alunos fazem a fila na porta e saem devagar em direção ao refeitório e a professora os acompanha. Ao chegar lá outra funcionária encarrega-se de supervisioná-los durante esse momento, eles têm também uma outra pessoa que fica próximo a sala do diretor, a quem os alunos podem informar se houver algum desentendimento entre eles, ou se alguém se machucou, etc.

Lia, graduanda em Pedagogia mas ainda não exerce a docência comenta que não se pode fugir ao papel educativo da escola, é preciso eles(filhos) estarem lá, pois futuramente estarão desempenhando funções que hoje somos nós que fazemos. E a escola contém esse leque de conhecimentos necessários para a formação profissional e social. Então todo o esforço e dedicação que pais, professores, coordenadores, e todos os outros contribuem com a educação escolar e para o futuro e bem-estar dos nossos filhos. Até porque educar requer paciência e compreensão pois são sujeitos diferentes e ao mesmo tempo iguais, diferentes quanto a cor, religião, costumes, crenças, mas iguais de direitos e deveres.

O cotidiano escolar é regido por regras, muitas vezes quebradas ou modificadas por necessidades que vão surgindo de acordo com as especificidades da família dos alunos. Quanto ao uniforme que os alunos usam, há uma tolerância de dois meses após o retorno das aulas para que as famílias possam adquirir esse material para os filhos. Alguns materiais que a escola pede quando os pais não podem comprar naquele momento adaptam-se outros, por exemplo, no mês das Festas Juninas, a escola precisava realizar essa festinha parte de rotina anual, então foi preciso pedir ajuda extra aos pais e os que não puderam colaborar com capital financeiro, doaram materiais recicláveis que tinham em casa para a confecção de enfeites e adornos pelos alunos.

Então, a função educativa e sociológica das famílias acontecem no desenrolar do cotidiano, pois, a sociedade é o lócus de formação da família e esta última sofre alterações em sua estrutura conforme as mudanças ocorridas na primeira. A família

seja ela composta das mais variadas formas incluindo o tipo destacado aqui nesse trabalho, famílias monoparentais femininas, têm suas especificidades, porém, quando relacionado à educação dos filhos todas caminham para um mesmo fim que é o desenvolvimento físico, psíquico, emocional e intelectual das crianças para que futuramente possam fazer parte de maneira ativa na sociedade em que estão inseridos.

A seguir no próximo capítulo serão tratados questões referentes às percepções de educação que as famílias entrevistadas compartilharam durante as entrevistas para a construção deste trabalho, além de apresentar comentários pertinentes a situação social em que elas se encontram. Embora praticamente quase todas terem o mesmo nível de escolaridade, suas percepções de educação não são exatamente similares existem diferenciações e complementações entre elas.

A situação social diz muito quanto a posturas que as famílias adotam durante o processo de ensino aprendizagem de seus filhos, apesar das dificuldades e limitações que esse grupo familiar apresenta não as impedem de sempre estar lutando em busca de um novo horizonte para o bem-estar de seus filhos. Mesmo que inconsciente as práticas desenvolvidas no cotidiano familiar é resultante de todo um processo produzido historicamente o que tratarei com mais detalhes adiante.

II- FAMÍLIAS MONOPARENTAIS FEMININAS E AS MÚLTIPLAS PERCEPÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO PARA OS FILHOS.

Para que se possa ter um entendimento das percepções de educação adotadas por mães em situação monoparental torna-se necessário primeiro um apanhado de seu cotidiano, suas expectativas, seus anseios e limitações. Elas mandam seus filhos para a escola, um ambiente externo ao lócus doméstico e que suas crianças precisam se adaptar e que de início são obrigadas a estar neste local. No primeiro tópico deste capítulo será apresentado um pouco desse contexto social a que estas famílias pesquisadas estão desenvolvendo suas atividades.

Em seguida, no próximo tópico serão apresentadas as concepções de educação que elas sustentam no discurso e na prática para com seus filhos, sendo que geralmente elas defendem que a educação familiar é necessária tanto como a educação escolar e que sem esta última, o dia a dia se torna muito dificultoso.

Passemos a conhecer um breve comentário sobre a situação social de Duda, Mara, Luana e Lia, mulheres que criam e educam sozinhas os filhos.

2.1- Famílias monoparentais femininas em Tomé Açu: contexto e situação social.

Conhecer a realidade vivida dos sujeitos da pesquisa é apontado por pesquisadores como algo essencial para que se possa a partir daí fazer interpretações com mais precisão. As mulheres que fizeram parte do meu grupo de entrevistadas residem na cidade de Quatro-bocas, no Município de Tomé-Açu. Sendo que duas delas Mara e Duda moram no mesmo bairro, bairro Novo Horizonte e sendo que neste bairro situa-se a escola que seus filhos frequentam. Não é um bairro muito afastado do centro da cidade e constitui-se basicamente de pessoas de baixa renda.

As outras duas mulheres moram em bairros diferentes, mas na mesma cidade sendo estes já mais afastados do núcleo urbano. São mulheres simples que ganham a vida através de seu trabalhos, sejam eles fixos ou não. A formação acadêmica dessas mulheres não vai além do ensino superior pois apenas uma está em fase de conclusão de sua graduação. As outras possuem o Nível o Médio completo, o Incompleto e Ensino Fundamental Incompleto.

Possuem idades entre 24 e 35 anos, sendo que as mais velhas, Duda e Luana chegaram a morar com seus maridos mas separaram-se por motivos de dificuldades financeira e brigas por ciúmes. Todas têm casa própria, com exceção de Lia que mora de aluguel num bairro afastado da escola de sua filha. Por isso mesmo todos os dias ela vai à escola levar e buscar sua pequena. Lia trabalha de assistente administrativo noutra escola, é concursada pelo Município e apesar de ganhar só um salário mínimo diz estar agradecida já que dessa forma ela tem uma estabilidade no emprego deixando-a assim mais tranquila. Como está em fase de conclusão de sua graduação, ela almeja um cargo melhor visando aumentar sua renda e conseqüentemente uma maior estabilidade de vida.

Duda não concluiu o ensino médio e também não é concursada. Trabalha fazendo bicos¹. Tem semana que ela trabalha na agricultura, outra ela já vai vender cosméticos, bijuterias, às vezes lava roupas e também vende bombom caseiro, além

1 Expressão popular que significa trabalho temporário, pequeno serviço. Dicionário informal online. SP em 17-10-2016

de outras atividades no ramo de vendas. São inúmeras formas que ela encontra para prover dinheiro e sustentar-se bem como sua família. Também recebe benefício social do Bolsa Família. Não pôde retornar aos estudos até seus presentes 35 anos, mas diz que assim que conseguir um emprego fixo deseja retomá-los, pois seu sonho é ser enfermeira. Sua casa é de alvenaria com quatro cômodos e área de serviço. Atualmente sua renda mensal não ultrapassa um salário mínimo e só conta com uma pequena ajuda financeira do pai de seu filho caçula.

Mara é a 3ª filha de seis irmãos, após três tentativas em relacionamentos amorosos que resultaram em frustrações ela decidiu há três anos dedicar todo o seu tempo e atenção aos seus dois filhos. Mora com as crianças nos fundos do terreno de seu pai, pois a parte da frente é uma casa alugada. Sua casa é pequena, com pouca mobília. Tem acesso a água encanada e luz elétrica. Ela relatou durante a entrevista que sempre morou naquele bairro e que antes de ter filhos morava na casa grande da frente. Assim que engravidou de seu primeiro filho foi morar com o pai da criança pra outro lugar, mas, como não deu certo ela voltou e seu pai a ajudou construir a casa em que vive.

Há dois anos ela trabalha como cuidadora na Assistência Social do município, diz gostar muito de seu trabalho, como ela só tem o ensino médio completo, almeja futuramente conseguir uma graduação na área que trabalha atualmente, mas que agora, segundo ela a prioridade é a educação dos filhos, pois além do trabalho e ela ter que estudar também não sobraria tempo para acompanhar os estudos dos filhos. Mara faz parte da realidade de famílias monoparentais femininas que residem em bairros periféricos mas que não se envolve com drogas, prostituição, ou qualquer outra situação do tipo.

A minha última entrevistada é Luana. Uma moça de 27 anos que engravidou muito cedo e por isso não deu mais continuidade nos estudos. Logo no início quando morava com sua mãe teve que trabalhar para criar a filha, depois conseguiu sua própria casa e foi morar só com a filha ainda bem pequena impossibilitando-a assim de voltar aos estudos. Não pode concluir seu ensino fundamental mas agora com sua filha mais crescida, voltou a estudar há um ano. Faz o estudo por etapas no EJA (Educação de Jovens e Adultos). Está bem confiante e diz que nunca é tarde para conseguir as coisas, inclusive uma formação escolar. Além do que será necessário para que a mesma possa continuar participando das atividades escolares da filha que está em idade escolar.

Ela diz que não se preocupa em ter muitos bens materiais, a herança mais valiosa que ela almeja deixar para sua filha é uma educação vantajosa, pois, por se tratar de um aprendizado individual é mais difícil de que outro alguém venha se apossar. Sua casa é bem simples, com apenas dois cômodos e um banheiro. O relacionamento com os vizinhos é muito bom segundo ela e o bairro também não é violento. Ela trabalha com venda de lanches na rua e diz que não pode usufruir de muitos bens materiais, mas, por meio do que ganha diariamente em seu trabalho é possível adquirir o básico para sua família.

Ao sair para estudar das 19:15h às 21:00h, ela confia esse período a uma vizinha que fica com sua filha, ela diz serem muito amigas e que não teme pela segurança da pequena. Raramente ela deixa sua filha com a avó porque esta mora longe então fica difícil fazer o trajeto à noite, principalmente sozinha com uma criança. Quanto a sua expectativa sobre casamento ela diz não está preocupada em arranjar um marido, pois pensa que os homens já não querem mais assumir relacionamento sério e que só depois de sua filha tiver condições de seguir sozinha ela talvez ainda tente uma vida a dois.

A importância dessa face das pesquisadas se dá no âmbito de relações que podemos fazer das suas percepções de educação, o que será tratado no tópico seguinte, com o que elas vivem diariamente. Por exemplo, se elas privilegiam tanto a educação escolar isto é devido a quê? Elas possuem e conhecem, ou elas não possuem mas sabem da importância? Tal levantamento deu-se no sentido de relacionar o pensamento, as ideias, com a vivência, ou seja, entender as práticas através de suas concepções.

2.2– Famílias Monoparentais femininas: Percepções de educação

Comentei anteriormente sobre o contexto social em que vivem as mulheres chefes de família que foram entrevistadas, pretendo agora mostrar as suas concepções de educação no que diz respeito ao modo como elas procuram educar seus filhos de acordo com seus anseios e expectativas. Percebe-se que elas em geral são parte de um ambiente simples. Muitas vezes enfrentam dificuldades financeiras, mas veem no ensino escolar a forma mais apropriada para que seus filhos possam desfrutar de uma vida melhor, o que elas não tem, conforme seus relatos mesmo tendo elas uma baixa formação acadêmica.

Em suma, a inserção dos filhos na escola pelas mães chefes de famílias objetivam a formação pessoal e profissional. Há nesse convívio uma jornada bem extensa e trabalhosa pois elas precisam conciliar o trabalho e a vida escolar dos filhos. Quando questionada acerca da rotina de trabalho e a conciliação com a vida escolar dos filhos Lia que tem uma filha e vive sem um marido destaca a importância destes dois aspectos fundamentais em sua família, vejamos parte de seu relato: “Eu dependo somente do meu trabalho para sustentar minha família e também manter minha filha na escola, ela precisa estudar para que possa ter uma vida bem melhor que a minha”.

Pode-se observar a preocupação da referida informante quanto à formação profissional de sua filha, pois, a mesma destaca que para conseguir uma melhor qualidade de vida é somente através dos estudos, pois estes quando bem aproveitados, isto é, adquiridos em maior grau, proporcionam condições que favorecem a atuação em profissões vantajosas financeiramente, o que a mãe considera de muita importância para o bem-estar da pessoa e almeja que sua filha possa desfrutar de tal vantagem.

Ao conhecer a história de vida de Duda, foi possível perceber através de seus relatos a desvantagem do abandono escolar que a mesma vivenciou, devido ao envolvimento amoroso com um rapaz quando tinha seus 18 anos, sendo que do fruto desse relacionamento desastroso ela ficou com duas filhas, como teve que trabalhar para garantir o sustento da família não pôde retornar aos estudos. Hoje ela vive com uma renda mínima, que lhe impossibilita de oferecer uma melhor condição de vida para si e para os filhos. Este fato interfere desde a alimentação até os momentos de lazer, então sua preocupação em dar uma boa formação escolar para os filhos é nesse sentido objetivando que eles tenham um futuro promissor e com menos dificuldades econômicas principalmente.

Às vezes ocorre de a mulher preferir a maternidade em situação monoparental por afinidade, outras por viverem em um casamento difícil, atormentado e sem maiores expectativas, além dos casos de abandono da mãe durante a gravidez pelo pai da criança. Do relato de nossa informante acima é possível aferir também que viver em situação monoparental não é o que se torna difícil, mas sim o ganho financeiro, pois para uma pessoa conseguir sustentar dois ou mais filhos sem uma renda mais avantajada é o que torna a situação familiar carente de vários aspectos como fora já mencionados, além da mãe ficar

impossibilitada de dar continuidade aos estudos, já que a sua renda não é suficiente para contratar uma cuidadora para os filhos.

Conversando com ela sobre um dos maiores eventos que acontece no Município de Tomé -Açu, a mesma citou que é um movimento inacessível para famílias como a sua pois a taxa cobrada para a participação desse evento é grande então elas ficam só na vontade porque não tem condições. O evento compreende exposições artísticas, rodeios, parque de diversões, entre outros o que seria um momento de lazer para as crianças e também para elas, a falta do capital financeiro as impedem de participar.

Este torna-se um exemplo de ordem financeira que dificulta a modificação do cotidiano dessas mulheres, que as leva a lutar mais ainda por seus filhos para que eles possam estudar e não passar pelas mesmas carências que elas vivenciam. Sobre a definição de cotidiano, o dicionário online de português apresenta esse fenômeno da seguinte forma: “Que ocorre todos os dias; particular do dia a dia; diário. Ou seja, são práticas rotineiras que as pessoas ou grupos estabelecem nas vivência diárias, seja na família, na escola, no trabalho, etc. Na família monoparental feminina, por exemplo, a rotina diária de acordar cedo, arrumar os filhos para a escola, ir para o trabalho, voltar para a casa, não difere muito das outras famílias, o que difere é que estas ações são executadas por apenas uma pessoa adulta, no caso, as mães.

Ao discutir sobre o cotidiano, Certeau (2003), afirma que essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural. Dessa maneira acredita-se que as práticas realizadas pelas pessoas no dia a dia não são feitas porque a pessoa quer fazer daquele jeito mas que é resultado de toda uma produção humana através de conhecimentos que vão sendo tomados para si, ou seja, o cotidiano é regido por técnicas aperfeiçoadas e reorganizadas para atingir um objetivo sendo aprovada pela maioria das pessoas. Assim, as mulheres chefes de família não levam essa vida corrida e cansativa passivamente, pode ser que elas não se deem conta disso, mas no fundo, a essência de suas práticas são carregadas de toda uma produção sociocultural.

Sendo assim, a educação escolar entra no cotidiano dessas mulheres como uma forma de transformação futura da realidade que as elas apostam sem dúvidas, adotando e transformando estratégias que facilitem o convívio com essas duas

áreas importantes escola e trabalho, acreditando que através desta educação formal é possível alcançar mudanças significativas tanto no campo pessoal, individual como profissional e social.

A educação escolar na vida das pessoas é indispensável em nossa sociedade pois esta contribui para que o sujeito adquira conhecimentos específicos das diversas áreas do conhecimento, além de ajudar a família em educá-lo segundo os padrões sociais. Mas para que essa educação seja realmente desenvolvida é preciso que a família faça sua parte. E muitas famílias têm consciência da importância de sua atuação educativa na vida dos filhos. Podemos ver tal discussão nas falas de Duda:

Penso que a gente tem que fazer a nossa parte na educação de nossos filho porque na escola não tem como a professora fazer tudo por eles. São muitos e o tempo é curto, entendo que não se deve responsabilizar o professor por toda a educação ela deve vir de casa.

A mãe que mencionou o relato acima tem plena consciência de que a escola é mais um ambiente complementar educacional que tem seu papel específico e que não tem a obrigação de adentrar ao espaço de educação que pertence à família. A educação familiar traz em sua composição aspectos similares da cultura que permeia também o ensino escolar que é a internalização de regras e normas que regem a sociedade, além de outros saberes próprios da família como crenças e hábitos, sendo assim estas duas unidades educativas se complementam na formação do indivíduo. Conforme as falas de Marinho-Araújo e Oliveira (2010):

A responsabilidade familiar junto às crianças em termos de modelo que a criança terá e do desempenho de seus papéis sociais é tradicionalmente chamada de educação primária, uma vez que tem como tarefa principal orientar o desenvolvimento e aquisição de comportamentos considerados adequados, em termos dos padrões sociais vigentes em determinada cultura.

É chamada de educação primária devido a família ser o primeiro ambiente socializador que a criança tem contato após o seu nascimento como já referido no capítulo I e será ensinada segundo seus padrões sociais, regras de conduta e costumes adquiridos historicamente. Ao ter contato com o mundo externo ao seu ambiente doméstico serão incorporados novos tipos de conhecimentos através das relações que esta irá manter com outras pessoas, fazendo com que os saberes advindos da interação familiar juntamente com outros conhecimentos resultem na

formação de sua subjetividade, ou seja seu modo de agir e de se comportar. Bock, Furtado e Teixeira (1991) reforçam que:

A subjetividade individual representa a constituição da história de relações sociais do sujeito concreto dentro de um sistema individual. O indivíduo, ao viver relações sociais determinadas e experiências determinadas em uma cultura que tem ideias e valores próprios, vai se constituindo, ou seja, vai construindo sentido para as experiências que vivencia (p. 121).

Outra preocupação bastante presente nas falas de mães em situação monoparental é que a partir dessas novas relações que a criança terá, que não se desenvolvam comportamentos divergentes dos considerados normais dentro da nossa cultura, e que para isso elas lançam mão do diálogo e afetividade objetivando conquistar o filho e fazê-lo confiar e aderir a base educativa da família. Apesar de o tempo para estar com os filhos se tornarem bem mais curtos, toda essa estica de responsabilidades costuma ser recompensada. Conforme o trabalho de Brito (2008), mulheres chefe de família apesar de ter pouco tempo para estar com os filhos consegue obter deles carinho e respeito. De todas as mães chefes de família entrevistadas a relação destas com seus filhos são carregadas de carinho e diálogo, principalmente, para que tudo fique esclarecido e eles possam pensar bastante antes de tomar suas decisões.

Tal constatação pode-se verificar na convivência de Duda com seus filhos, pois a mesma afirma que sempre procura manter um relacionamento saudável com eles pois são as pessoas mais próximas que ela têm e que enquanto viver serão seu apoio direta ou indiretamente. Cultivar o diálogo aberto, questionar e dar espaços para que os filhos também externem seus sentimentos, pensamentos, etc. é uma das formas mais benéficas para que se possa construir uma relação saudável.

Além do diálogo, as mães utilizam os saberes passados de geração a geração, frequentam igrejas, programas na televisão de cunho educativo, além da escola que seus filhos frequentam. Esse conjunto de meios de apropriação do conhecimento são incorporados as formas de educar dessas mães. Mara complementa que: “Existem inúmeras formas de educar e que praticamente de todas essas formas as crianças internalizam alguma coisa”.

Esperar que os filhos cheguem da escola somente com o conteúdo curricular é puro engano, pois, ao estar este em contato com várias pessoas ele vai trazendo outros conhecimentos para si através dessa interação social. Luana que só estudou

até o ensino médio e encontra dificuldades para manter financeiramente sua família é enfática ao falar sobre sua filha que faz parte de uma escola integral. Ela diz que considera o desenvolvimento dela bem melhor do que se ficasse em casa metade do dia já que a mesma trabalha fora e teria que ficar sozinha. “Lá ela aprende de tudo um pouco, tem descanso, tem alimento bom, tem os momentos de praticar esportes. É muito bom ela estar lá”.

Com relação a fala da mãe acima pode-se perceber sua percepção acerca da própria educação, onde a mesma não garante ser suficiente para que seus filhos se igualem a ela no quesito educação, ou prioriza o conteúdo formativo escolar em detrimento do conhecimento de mundo do senso comum que ela possui. Mesmo com as dificuldades presentes, ela sempre vê nos estudos uma saída rumo a uma vida melhor.

A escola em que sua garota estuda funciona em tempo integral e dispõe de espaço para descanso e alimentação à alunos provenientes de famílias com pouco recurso financeiro pois estas crianças passam o dia todo na escola e só retornam para casa ao entardecer. Os outros alunos passam a hora do almoço com suas famílias e logo após retornam as aulas de atividades extras que se constituem de aula de dança, capoeira, jiu jitsu, aulas na sala de multimídia e futebol.

A escola ocupa um espaço privilegiado na formação do sujeito pois a mesma constitui-se na segunda instituição socializadora a que o indivíduo faz parte após sua família. Sendo que esta última inicia o processo de socialização da criança, a partir daí outras instituições complementam, sendo a escola uma delas. Disso a importância de a escola ter o mais possível de conhecimento sobre as necessidades da comunidade que atende, sendo preciso bastante diálogo e ações interativas que contribuam para este fim. Pois o acompanhamento eficaz para que a educação escolar seja de fato atingida deriva do conhecimento da realidade social do aprendiz que está inserido na rede escolar já que as questões sociais influenciam muito no processo de aprendizagem das crianças, porém não são determinantes, mas é preciso sim que o corpo escolar detenha tais clarezas.

O aluno ao chegar à escola já terá uma gama de saberes advindos da educação familiar e de outros meios de interação social que favorecem o desenvolvimento do conhecimento, assim o que este irá ter contato no ambiente escolar quanto conteúdos disciplinares serão mais um acréscimo ao que o mesmo já possui e que terá como consequência a internalização ou não desses conteúdos de

acordo com seus anseios e interesses e até suas limitações pois o nível de aprendizagem de cada um é diferenciado.

Cabe ressaltar aqui também outro fator importante também que faz parte das formas como a criança aprende que é através da ação, interação social e na linguagem, segundo Bock, Furtado e Teixeira (1991) citando Vigotski. Então muitas vezes o diálogo somente pode não ser suficiente para que a criança sinta-se motivada a querer levar a sério a formação escolar, é necessário o deslocamento e presença efetivada mãe, estar ali presente também naquele ambiente, participando e fazendo jus ao que fala aos filhos da importância da escolarização na vida deles.

Ao ser questionada sobre a importância dos estudos para os filhos Duda afirma: “eu luto pra eles chegarem até o fim porque só assim eles vão ter uma vida melhor que a minha”. Percebe-se a preocupação em dar uma boa base educativa escolar para os filhos visando à preparação dos mesmos para o mercado de trabalho que se torna cada vez mais exigente. Ou seja, além da preocupação com a formação ética, social e interativa das crianças há um incentivo maior para que estudem e conseqüentemente adquiram um trabalho bem remunerado para que não passem por dificuldades que elas enfrentam no dia a dia.

Para isso, essas famílias em situação monoparental afirmam sem exceção que mantêm um diálogo frequente com seus filhos onde a repetição sobre a importância dos estudos e dos valores que contribuem para uma boa convivência em sociedade são prioridades. Além do acompanhamento escolar disposto para com os filhos apesar do cansaço e pouco tempo dedicado a eles.

Através de observações e dados obtidos por meio das entrevistas, foi possível conhecer as percepções sobre a educação tanto familiar como escolar de quatro mães chefes de família residentes no Município de Tomé-Açu. Elas têm a tarefa de cuidar e educar seus filhos já que tiveram problemas no relacionamento com seus parceiros e não moram junto. A educação familiar do ponto de vista delas deve-se fundamentar em ensinar regras, normas, formas de comportamento aceitas na sociedade. Além de desenvolver o diálogo e afetividade. A educação escolar é imprescindível e deve ter o apoio dos pais ou responsável desde a preparação para a ida à escola até as lições de casa. É necessário inserir os filhos na escola para que eles possam ter acesso aos mais variados tipos de conhecimento que servirão para levá-los a ter uma profissão vantajosa, além do reconhecimento social.

Tais percepções apresentadas por essas mulheres batalhadoras que exercem o papel de pai e mãe ao mesmo tempo, constituem muitas vezes formas de pensar na educação como algo que realmente tem muita validade ao perceber as vivências dificultosas que essas mulheres levam por não apresentarem um nível mais elevado do ensino formal. Para que não venham a ter problemas na escola e na vida diária é preciso a implementação de regras e limites, fato este trabalhado e discutido muito nas falas dessas mulheres.

O ser humano é competitivo, ainda mais por estar inserido em uma cultura que privilegia a produção em larga escala, a obtenção de lucros com menos gastos, então a estabilidade no mercado de trabalho ultimamente vem se tornando cada vez mais difícil. A exigência de novas ideias, novas experiências tem levado muitas pessoas a retornarem à escola e os que ainda estão lá querem continuar, seu nível de escolaridade precisa crescer, pois conta muito na possibilidade de um emprego bem remunerado. Através disso é perceptível a preocupação das mães entrevistadas em manter seus filhos na escola e também do retorno delas ao ambiente escolar para dar continuidade aos estudos.

Assim, pode-se constatar que o ambiente escolar é visto pelas mães entrevistadas como um local de apropriação de conhecimentos necessários para que a pessoa possa conseguir na sociedade requisitos de ganho de vida eficientes e sem muita luta. Elas dizem também que não estão livres de desencontros de ideia, isto é, nem sempre o que elas tentam repassar para os filhos em termos de educação é totalmente aceito por eles, pois não é só no ambiente doméstico que as crianças aprendem.

É perceptível também que elas reconhecem o papel importante que tem em mãos que é o de acompanhar o processo de ensino aprendizagem de seus filhos, que a escola separada da família não tem condições de fazer com que esse trabalho surta efeito positivo na vida dos alunos. Não se pode negar as dificuldades vividas por elas durante este período de formação dos filhos mas que a expectativa de crescimento tanto pessoal como profissional deles fala mais alto.

III- PRÁTICAS DA ESCOLA NA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA UMA BOA RELAÇÃO

Antes de adentrar no espaço pedagógico da escola “Lauris Pimentel” pensei ser pertinente situar melhor esse lócus de pesquisa, através da descrição do seu aspecto físico e algumas imagens deste ambiente: Apresenta-se como um prédio bem extenso construído recentemente que atende em período integral como já descrito anteriormente, é nomeado de escola modelo de Tomé-Açu (ver figura 1). Constituído de 10 salas da base comum (aulas programáticas do 1° ao 5° ano) e mais 10 salas da base extra (destinadas a atividades como aula de música, jiu jitsu, balé, capoeira, sala de informática, sala de descanso, sala de leitura e teatro); banheiro dos funcionários, banheiros para os alunos, meninas e meninos (adaptados para pessoas com deficiência), sala de coordenação pedagógica e assistente social, sala de gestão, secretaria e sala de dentista. O nome “Lauris Pimentel” é fictício.



Figura 1, entrada da escola

Uma quadra de esportes coberta e a área de lazer (ver figura 2), biblioteca e cozinha. É um ambiente colorido e limpo. As salas da base comum estão com falha

na ventilação, pois algumas não dispõem de ventiladores suficiente. Refeitório com mesas e cadeiras (ver figura 3). Os corredores são bem amplos e o chão é uniforme. As salas não são todas fechadas existem algumas aberturas. As carteiras são adaptadas ao tamanho dos alunos Existe o quadro branco.



Figura 2, Área de lazer e quadra de esportes



Figura 3, Refeitório com mesas e cadeiras

Após este breve conhecimento do espaço físico escolar, serão apresentadas a seguir algumas práticas desenvolvidas nesta escola, no dia a dia com as famílias monoparentais femininas e, também, alguns pontos de vista sobre como esta instituição concebe as necessidades destas famílias. Assim objetiva-se mostrar o nível dessas práticas em relação ao discurso, se está buscando parcerias ou apenas inserindo elas superficialmente no âmbito escolar, exercendo aproximações ou não e formas que alguns profissionais percebem a influência educativa dessas famílias para com os filhos/alunos que frequentam a referida escola.

Procura-se também demonstrar que a família ao ser a primeira instituição socializadora desenvolve maneiras de educar que irão ser complementos necessários para que o andamento escolar do indivíduo se execute de forma plena. No tópico final deste capítulo aparecem as contradições, as similaridades entre os objetivos que a escola tem e as especificidades de cada aluno e que a escola estudada procura caminhar na direção desta inserção familiar no contexto educacional, ainda que de forma lenta e tímida.

3.1. Entre a Prática e o Discurso

A escola precisa aderir à integração com as famílias para que o processo de escolarização dos filhos se torne parte da vivência também dos pais, isso para que, através de um bom relacionamento entre a escola e as famílias monoparentais femininas possa se alicerçar a construção de uma aprendizagem plena e cooperativa, isto é, a escola e a família trabalhando em conjunto na educação das crianças. A escola estudada apresenta alguns indícios de preocupação quanto a essa integração com as famílias monoparentais femininas ainda que não tenha muitas práticas exclusivas para esse público alvo.

Ao observar algumas práticas da escola “Lauris Pimentel”, elegi uma para iniciar esta discussão, um exemplo de postura adotada pela instituição na dimensão integração com as famílias. Tal fato observado foi que ao não poder estar na sala de aula por algum motivo de saúde, a criança continue praticando as atividades escolares em casa com o auxílio de seu responsável, presenciei o caso de uma aluna que estava com o pé machucado e precisaria de algum tempo para se recuperar e poder retornar às suas atividades escolares, então a coordenadora pedagógica juntamente com a professora da criança decidiram que ela teria cinco

dias de repouso só que durante esse período, teria que praticar sua escrita em casa, pois ela apresentava dificuldades naquela área do conhecimento.

Ao questionar se aquela metodologia era aplicada a todos os alunos que precisassem faltar às aulas por curto período de tempo e que estivessem em condições de praticar as atividades em casa, a coordenadora informou que sim, ela procura a professora da criança para que a mesma efetue atividades na área que o aluno apresenta dificuldades para o exercício em casa com o apoio do responsável, sendo esta uma das formas de engajar as atividades escolares na vivência dos responsáveis independentemente do tipo familiar.

Nos momentos que a criança não pode estar na escola é necessário a continuidade de suas atividades em casa para que não haja perdas maiores no seu aprendizado, então a escola sempre procura estar dialogando com os responsáveis acerca disso. O gestor durante o seu discurso na entrevista mencionou que trabalha bastante a questão de integração com as famílias. O mesmo defende que o alicerce para uma edificação de parceria com os pais é o cultivo do diálogo, portanto, esta é uma das questões que a equipe de profissionais procura manter no dia a dia daquela instituição. De acordo com Marinho- Araújo e Oliveira (2007):

A divergência entre escola e família está na tarefa de ensinar, sendo que a primeira tem a função de favorecer a aprendizagem dos conhecimentos construídos socialmente em determinado momento histórico, de ampliar possibilidades de convivência social e, ainda, de legitimar uma ordem social, enquanto a segunda tem a tarefa de promover a socialização das crianças, incluindo o aprendizado de padrões comportamentais, atitudes e valores aceitos pela sociedade (p. 101).

Quanto aos padrões comportamentais dos alunos desta escola, em uma conversa com a coordenadora pedagógica a mesma afirmou que tem muitos alunos problemáticos (desinteresse pelas aulas, dificuldades de comportamento) sendo estes mesmos advindos de famílias desestruturadas, mesma ideia presente também nas falas do gestor e da vice gestora, essas crianças moram só com a mãe, ou com a avó e até mesmo com a tia. Através desse ponto de vista pode-se perceber a atribuição de comportamentos inadequados da criança resultante de sua estrutura familiar, não sendo levado em conta outros aspectos que também influenciam nessa realidade, como a falta de atrativo das aulas, conteúdos desconectados da realidade vivida dos alunos, problemas de relacionamentos pessoais, por exemplo.

É errôneo apontar uma única causa para justificar comportamentos que o sujeito apresenta pois é preciso atentar-se para todo um conjunto de fatores que podem estar alterando ou constituindo certos comportamentos. A criança, por exemplo, não necessariamente vai apresentar desinteresse nas aulas porque o seu pai não é presente na sua vida. Outros aspectos do cotidiano daquela criança precisam ser pensados, suas limitações, seus anseios, suas expectativas.

Sob este ponto de vista está havendo uma espécie de inferioridade e impotência no quesito educação familiar para com as famílias monoparentais femininas pela equipe de gestão da escola, sendo priorizado por estes um modelo de família que seria adequado para amenizar os problemas que presenciam com muitos alunos, a família constituída de pai, mãe e filhos. Não sendo observado por exemplo que existem muitos casos de crianças que vivem numa família constituída de pai e mãe morando juntos mas que também apresentam comportamentos iguais ao primeiro público.

Ao observar a regência dos professores pude perceber que muitos deles em especial os que atuam nos 4° e 5° anos não utilizam recursos variados em suas aulas como slides, vídeos, filmes, etc. Um dos motivos que levam as professoras a adotarem mais a utilização do livro didático é a falta de equipamentos como notebooks e data show. Quase todos os professores têm notebooks mas o data show é somente uma unidade para todos os professores daquela instituição, além do que há limites diários para impressões de material na sala da coordenação. Então muitas vezes os professores precisam tirar dinheiro do seu salário para imprimir outros tipos de atividades que não sejam do livro didático, quando não podem isso fica a desejar.

Tais informações obtive através do relato de uma professora do 5° ano ao comentar sobre o desinteresse de alguns de seus alunos, sendo que muitos não gostam de escrever então como é preciso que ela exponha os conteúdos e passar atividades geralmente utilizando o livro didático ou o quadro branco fica mais difícil obter a atenção desses alunos. A professora ainda destaca que a convivência diária das crianças e adolescentes com as mídias digitais e informacionais é um dos fatores que chamam muito atenção, então eles vem para a escola ter uma aula desse tipo fica bem difícil ter a atenção deles.

O importante seria trazer essas tecnologias presentes diariamente na vida de crianças e adolescentes como suporte às atividades em sala de aula para que os

alunos fossem construindo a noção de que o conteúdo apreendido na escola está presente em todos os campos da vida e não somente é uma formalidade de conhecimentos que só tem validade no ambiente escolar e que os meios de comunicação além de fornecer conectividade com familiares e amigos pode ser também uma fonte de obtenção dos conhecimentos formais escolares. Como já descrito existem as dificuldades no acesso a esses equipamentos no ambiente escolar.

Ao ser questionado sobre o que era priorizado nas reuniões de Pais e Mestres o gestor relatou que no decorrer das reuniões bimestrais ocorridas na escola, destacam-se os seguintes temas: As dificuldades didático-pedagógicas, os projetos que serão ou estão em desenvolvimento, dificuldades no atendimento aos alunos, recomendações aos pais referente aos materiais didáticos, uniformes, etc. Sendo que estas orientações são para todos os tipos familiares presentes.

Quanto aos projetos educativos que a escola promove citado acima pelo gestor, todo semestre tem a culminância desses projetos sendo estes mesmos voltados para temas como respeito, tolerância e amizade. No dia 25 de junho desse ano foi a culminância do projeto “Cultivando valores para a vida”. Dois dias antes desse evento a coordenadora pedagógica enviou às famílias os convites para esse evento, pois no referido evento seriam apresentados os trabalhos desenvolvidos pelos alunos durante o semestre. Através desses projetos foi observado uma alteração positiva dos comportamentos dos alunos segundo o discurso do gestor.

Porém, nota-se a ausência de tratar temas mais complexos, como exemplo a construção do projeto-político pedagógico da escola, não foi mencionado nas formas de participação familiar na escola tanto por parte das mães como da gestão escolar, sendo assim conclui-se que esta não existe. A participação das famílias no momento de construção do projeto político pedagógico é um assunto que vem ganhando discussão de forma a demonstrar a importância dessa presença das famílias e da comunidade local na elaboração desse documento, pois é a partir dele que a escola irá fazer (ou deveria ser) seus projetos educativos e planos de ensino. Libâneo (2009, p.10), discutindo tal assunto diz que: “O projeto pedagógico curricular é uma declaração de intenções do grupo de profissionais da escola, é a expressão da coletividade escolar”.

Assim a aproximação das famílias seria um bom fundamento para a reorganização do projeto pedagógico curricular da escola visto que as dimensões do

cotidiano das famílias monoparentais femininas seriam esclarecidos e teriam um enfoque que contemplasse mais a realidade dos alunos, havendo assim um maior conhecimento das famílias acerca das intenções escolares referente a educação.

A informação repassada à estas famílias, com relação a tudo o que está sendo desenvolvido, as lacunas que devem ser sanadas em relação tanto ao aprendizado dos alunos como do ambiente escolar em si, constitui possíveis formas de integração escola e família visando melhorias, busca de novas propostas e construção de confiança entre essas duas unidades educativas. Como estas são as duas principais instituições educativas do ser humano ambas precisam trabalhar em concordância e cooperação visando o objetivo comum que é a formação integral das crianças.

No geral, as famílias entrevistadas informaram estar conformadas com as ações educativas da escola e não apontaram quase falhas, com exceção de uma delas que mencionou um transtorno vivido pela filha na hora do descanso após o almoço: “acho que a cuidadora precisa ter mais um pouco de paciência, pois as crianças não são iguais e minha filha ficou magoada”.

A mãe não procurou informar a escola do acontecido, mas ficou chateada. Como foi a primeira vez que aconteceu ela conformou-se mas se voltasse a acontecer de novo ela iria reclamar, pois a escola cultua o hábito do diálogo. Conforme as falas do diretor: “A escola procura manter o diálogo franco e aberto com os pais acerca do que está sendo feito em sala de aula”. Isto é, se a escola planeja desenvolver algo, quer seja um projeto educativo ou um evento, por exemplo, as famílias devem estar de acordo ou pelo menos informados sobre o que está sendo desenvolvido na escola para que o objetivo possa ser realmente alcançado. E o inverso também deve acontecer, as mães informarem a escola caso algo esteja incomodando, como no caso descrito acima é viável que a mãe primeiramente converse em particular com a cuidadora de sua criança a fim de informar algumas particularidades da filha para que tal situação não volte a se repetir.

Além de promover o diálogo para informar questões escolares é preciso que a escola esteja aberta também para ouvir. Saber se os pais ou responsáveis entenderam os propósitos educativos, as dificuldades, as recomendações, a disponibilidade de acompanhamento, instigar as famílias a caminhar juntamente com

a escola. Não que seja necessário doutrinar os pais, mas fazer com que eles cooperem na educação das crianças. Lobato e Santos (2014) afirmam que:

A aproximação da família com a escola é fundamental para que problemas, como violência, agressividade e desconcentração, vivenciados por muitos alunos em nível de Brasil, não sejam vistos pela família e pelos educadores como obstáculos, e sim como problemas solucionáveis (p. 292).

Entende-se que desta forma esses problemas venham a se tornar mais um motivo para que ocorra a diminuição de fronteiras entre a escola e as famílias, e não apenas reclamações para o responsável do aluno, isto é, delegação de toda a culpa do problema à família, pois somente em conjunto e cooperação entre estas duas esferas educativas será possível atingir a raiz do problema. Exercer uma parceria de fato com as famílias dos alunos não é uma tarefa fácil, muito menos completa, pois, esta é perpassada por muitas variáveis que influenciam no comportamento dos pais em relação ao mundo escolar e da escola em relação a participação dos pais. Há que se promover além de um bom diálogo, ações para que a família participe realmente, isto é, ações efetiva.

Assim como a escola muitas vezes teme um maior entrosamento com as famílias, estas também temem não poder contribuir o bastante com o aprendizado escolar, então tomar iniciativas que contribuam para o estreitamento dessa fronteira é essencial da parte da escola. O papel da escola não pode ser passado às famílias ou vice-versa, porém elas não podem trabalhar separadas, é preciso que haja uma parceria entre elas de forma que suas ações se complementem. A relação da escola com as famílias monoparentais femininas se dá num determinado período histórico no qual se está em pauta diversas constituições familiares e sob o seio de cada uma delas têm crianças que irão adentrar o espaço escolar levando consigo saberes adquiridos no âmbito de suas vivencias cotidianas no lar.

A postura com que a escola enfrenta as especificidades de cada família define o quanto de inserção está se consolidando nessa instituição ou não, se a equipe escolar vê as famílias monoparentais femininas como impotente, deficitária e que carece de acompanhamento, pode-se concluir que está havendo apenas uma tentativa de “cura” para esse segmento e não a parceria de fato. A palavra em destaque relaciona-se com algo que está de determinada forma mas que precisa de solução para que se enquadre nas normas sociais adequadas no caso seriam essas

famílias que por serem desestruturadas, logo se tornam impotentes, incapazes de educar os filhos segundo os padrões aceitos no ambiente escolar.

Ao ser questionado sobre o trabalho com as crianças que apresentam algum comportamento distorcido que estivesse dificultando o ensino em sala de aula, o gestor afirmou que suas famílias eram chamadas para que pudessem dar direcionamentos e aconselhamentos visando a reverter a situação. Então é visível a preocupação centrada nas famílias sem procurar ouvir do próprio aluno o motivo de tal comportamento. Até o momento foi possível perceber que o diálogo conforme citado pelo gestor existe, porém, não está sendo suficiente para que haja uma inserção de fato das famílias monoparentais femininas nas questões escolares.

Através dos dados obtidos com as mães percebe-se que elas consideram desenvolver uma relação saudável com a escola, a gestão é elogiada, etc. Mas na prática da escola, no dia a dia não é percebido todo esse engajamento dessas famílias monoparentais no âmbito escolar, ainda não é questionado questões mais amplas como já citado a produção do projeto pedagógico curricular juntamente com a participação das famílias monoparentais femininas.

3.2. Prática política e cotidiano escolar: Uma relação conflituosa²

A Prática política a que se refere este capítulo são as ideias a que se fundamenta a postura adotada pela escola, tanto com os alunos como com suas famílias. Cotidiano escolar são as vivências diárias, a postura da escola na prática, o movimento dos alunos, suas aceitações, suas limitações e seus repúdios, sem esquecer-se da participação das famílias. A relação conflituosa existe como já conhecido devido a escola enfrentar algumas dificuldades na implementação do seu trabalho com as crianças, consequência de variáveis como desinteresse pelas aulas e falta de concentração ou atenção.

O gestor escolar entrevistado enfatizou a importância do diálogo com as famílias em geral e que este seria a base para que a parceria escola e família seja facilitada. E esses diálogos foram detectados com a coordenadora pedagógica principalmente, com as professoras e não muito frequente com o gestor durante minhas observações do cotidiano escolar.

² Conflituosa no sentido de resistência de algumas famílias e alunos para com as práticas participativas e pedagógicas da escola.

Durante essas observações pude perceber a presença de mães e pais que estavam sempre frequentando a sala da coordenadora pedagógica e as salas de aula, tais visitas no primeiro ambiente citado eram para informar o motivo da ausência de seus filhos (mais frequente). Muitas mulheres em situação monoparental acompanham essas mesmas atividades, estão sempre frequentando a escola para estes fins. Nas salas de aula, tais participações se limitam a saber do progresso e comportamento das crianças e às vezes informar alguma carência de material didático. Outros responsáveis são menos frequentes, só vem trazer os filhos até o portão entre eles estão também mães chefes de família.

A cultura de não participação no ambiente escolar decorre muitas vezes do excesso de crédito dado à escola pelos pais, muitos deles dedicam sua força em prover meios que venham facilitar a estada de seus filhos na escola como alimentação, vestimentas, material didático, meios de transporte, entre outros, sendo que em termos mais populares “a parte da escola ela tem que fazer”, ou seja, delegam o processo de escolaridade exclusivamente para os profissionais daquele local. Tal comportamento muitas vezes está associado também à falta de formação acadêmica que os impede de acompanhá-los na sua rotina escolar.

Já que o tempo dessas mulheres chefes de família é bastante dedicado a afazeres domésticos e o trabalho fora que é obrigatório para que elas possam prover materialmente suas famílias esse aspecto pode ser levar em consideração quando é falado que muitas mães chefes de família chegam até o portão da escola apenas para deixar os filhos ali e poucas vezes adentram o ambiente escolar. Como já conhecido a rotina das mães chefes de família aqui apresentadas, elas são mais presentes no âmbito escolar devido alguma vantagem que têm em relação ao trabalho que exercem fora de casa. Seus horários são definidos, ainda que por pouco tempo mas lhes permitem esse acesso no cotidiano escolar. Uma é concursada, outras são autônomas, então de certa forma elas conseguem conciliar bem essa dupla tarefa de trabalhar fora e acompanhar seus filhos na escola.

Porém, nem todas as mães em situação monoparental tem essas vantagens, partindo da ideia de que a realidade do contexto social em que a pessoa está inserida vai influenciar, sem dúvidas, no seu modo de agir, de pensar as coisas, como já relatado anteriormente. Então o deslocamento para o local de trabalho, o horário que precisa cumprir, e até mesmo a falta de um trabalho acaba comprometendo todo o possível estreitamento das relações da escola para com

essas famílias. O gestor escolar ao citar que um dos maiores problemas que a escola enfrenta é a falta de acompanhamento dos pais, ou melhor, das mães que são as responsáveis por eles (alunos), um dos fatores que pode ser levado em conta é tal como discutido neste parágrafo.

Daí surgem ideias preconcebidas de gestores escolares que dizem ser a estrutura dessas famílias que interferem negativamente na formação das crianças por não estarem lá sempre presentes, por não acompanharem as atividades dos filhos em casa, mas que na essência não é a estrutura em si, mas sim o contexto em que está inserida essa família, o seu cotidiano, a sua vivência. Pode-se atentar para o exemplo da entrevistada Luana que trabalha vendendo lanches, é um trabalho que exige o tempo de preparo, a organização para o transporte, além de tempo para conseguir vender. Como o rendimento é baixo, ela precisa trabalhar o dia todo para conseguir o lucro e o capital para poder comprar novos materiais para a rotina do dia seguinte.

Tudo isso para dizer que a sociedade está constantemente passando por transformações, adaptações, mas a escola caminha em passos muito lentos quando referente a tais mudanças, e esta, sendo a segunda maior instituição educativa do ser humano carece de modificações desde a formação de gestores, e professores até suas metodologias e avaliação no processo de escolarização de indivíduos provenientes das mais variadas situações e contextos sociais. Apesar de já existirem tantas leis e teorias que almejam a inclusão escolar, na prática observada e na maioria dessas instituições públicas em questão está bem longe de atingir tal objetivo, sendo os alunos que têm um tipo de estrutura familiar, tidos como os problemáticos.

Então nessas situações pode-se observar os conflitos entre a política escolar e o cotidiano escolar, pois, a escola prega que os alunos devem ser equilibrados, obedientes, participantes do ambiente escolar, precisam aderir ao propósito educativo proposto. Acontece que cada aluno tem suas particularidades, suas famílias diferem-se nos modos de educar, repassar valores. Surge então aí os conflitos justamente porque é impossível indivíduos diferentes reagirem do mesmo modo às mesmas regras e propósitos. Não relacionado exclusivamente ao tipo familiar mas à própria individualidade, pois nem tudo o que a família (pai, mãe) apresenta aos filhos, estes tomam para si. Como bem ressalta Zago, Vilela e Carvalho (2011):

Considerando-se as trajetórias individuais, torna-se claro que a família não é um grupo todo poderoso que, como sujeito coletivo, teria o condão de impor integralmente seu projeto de escolarização aos filhos. O projeto Doméstico de aquisição de capital escolar é alterado em funções de projetos individuais de cada um de seus componentes[...] (p. 251).

A família é um grupo coletivo onde existem os pais, ou só as mães, como está sendo tratado neste trabalho, que interagem e cuidam na tarefa de educar os filhos, muitos vivem para dar o melhor de tudo o que podem para eles, traçam objetivos, falam da importância das coisas, e o que esses aprendizes vão tomar para si são apenas fragmentos de toda essa visão dos pais mas existem outras posições que levam em conta. Então a subjetividade individual é um complexo formado dos mais variados componentes que irá nortear as ações dos indivíduos na sociedade.

A dificuldade em estabelecer uma relação mais próxima com as famílias monoparentais femininas acontece decorrente da extensa responsabilidade delegada a mulher chefe de família que o tempo para as mesmas estarem presentes no ambiente escolar é mínimo, portanto, há que desenvolver nesse âmbito, a escola e essas famílias estratégias que possibilitem uma maior aproximação no fazer da escola e vice-versa. Retomando a fala de uma das entrevistadas “eu gostaria de estar mais vezes participando de alguma coisa na escola do meu filho, só que o meu tempo é bem apertado, tenho que cuidar de casa, do trabalho, dos filhos, enfim, é muita coisa”.

Assim, o discurso referente a família de Mara, é relatado que o fato de conseguir matricular seus filhos nessa escola já foi um ganho enorme porque senão ela teria mais dificuldades para trabalhar pois ela não poderia pagar uma pessoa para ficar com eles e não tem parentes morando próximo. Porém, na questão de acompanhar as atividades desenvolvidas no lócus escolar a mesma afirma não ter a possibilidade de fazê-lo plenamente por conta de seu trabalho. Mas que as atividades que devem ser trabalhadas em casa ela sempre acompanha com seus filhos. Eles têm 06 e 10 anos e frequentam o 1º e 4º ano respectivamente, ela pontua também que os filhos precisam da atenção dela para não esquecerem de fazer as atividades de casa.

É possível perceber a falta de motivação para realizar as tarefas escolares em casa, mas que a mãe não os deixa por conta, ela ajuda-os a fazer essas atividades porque a mesma sabe da importância desse acompanhamento e apoio na vida escolar dos filhos. A escola discursa que é necessário ter essa presença diária dos

responsáveis e essas famílias mesmo que por pouco tempo já estão construindo ou já tem construído este hábito. Da premissa de que para gostar é preciso conhecer, então se muitas mães dizem gostar do modo como a escola atua é sinal de que as divergências não estão em grande escala.

Ainda sobre esta família é possível observar um bom relacionamento com a escola em que seus filhos estudam através dos relatos da mãe sobre a forma como a escola trabalha a educação das crianças, como ela acolhe os alunos que precisam de ajuda extra, foi citado o exemplo de quando ela precisa que eles almoce na escola, atuação dos professores, gestores. A mãe demonstrou segurança e firmeza nas suas respostas e comentários. Percebi que ela vê na escola uma grande parceira no que se refere aos cuidados e proteção dos filhos já que ela trabalha fora e lá seus filhos estão seguros.

Mas a participação efetiva não se cumpre apenas pela presença das famílias monoparentais femininas no ambiente escolar é preciso que suas ações nesse ambiente estejam contribuindo para um melhor funcionamento e andamento do aprendizado dessas crianças. A família como já visto desempenha o papel inicial na educação dos filhos, apesar das limitações e falta de tempo para que as mães chefes de família possam estar presentes nas atividades dos filhos seu apoio ainda que por um curto período é de grande valia, pois de acordo com o que foi conhecido através das entrevistas e observações da prática dessas mulheres, muitas delas conseguem fazer com que seus filhos obtenham o rendimento escolar desejado. Tanto na família como na escola os sujeitos estão aprendendo, socializando, adquirindo conhecimentos, então a parceria entre elas é fundamental.

O trabalho no processo ensino aprendizagem torna-se mais fácil e proveitoso quando há uma plena cooperação entre a escola e a família segundo alguns autores estudados e também os discursos de educadores, porém não é uma vantagem que se obtém rápido, é proveniente de um longo trabalho principalmente no plano das ideias, já que boa parte dos responsáveis delegam o trabalho educativo escolar exclusivamente para os profissionais da escola, mantendo-se separado com a postura de apenas provedores de meios para que os filhos possam ir para a escola todos os dias. Além de visões negativas e culpabilizadoras a que ainda hoje muitos gestores, professores entre outros sujeitos responsáveis pela educação escolar sustentam em seus discursos e suas práticas, caso já conhecido no lócus desta pesquisa.

Sendo assim, finalizo minhas discussões neste presente trabalho reforçando a importância da parceria entre a escola e as famílias monoparentais femininas para que os objetivos tanto da escola como dessas famílias possam ser alcançados superando assim as dificuldades encontradas durante o processo de ensino aprendizagem dos alunos, futuras peças indispensáveis para o prosseguimento da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de estudos bibliográficos foi possível compreender que a família (englobando todas as tipologias existentes) contempla aspectos educativos fundamentais para toda a formação do sujeito. É através desta instituição que aprendemos a cultivar os valores, sentimentos e assimilamos regras da sociedade. Ao desenvolver tal estudo focando um tipo familiar específico, o de mães que criam os filhos sozinhas foi contemplado várias noções de suas particularidades, ideias de educação para os filhos, formas de prover o sustento da família e algumas expectativas que levam essas mulheres a dedicar tanto esforço aos filhos.

Atrelado ao estudo bibliográfico foi feito o estudo de uma escola do Município de Tomé-Açu, escola “Lauris Pimentel” para que pudesse haver possibilidades de realizar algumas reflexões acerca de como a gestão e todo o corpo escolar vê e se comporta perante essa particularidade familiar. Por meio do discurso de alguns profissionais que atuam naquele espaço foi possível obter alguns resultados, tais como: através do discurso a escola situa-se como um espaço que contempla boas relações com as famílias em geral, incluindo as em situação monoparental, mas na prática, ainda se apresenta bastante com dificuldades nesse quesito.

Pois foi detectado que a escola tem limitações em contemplar as particularidades da família, em especial dos filhos/alunos. Alguns alunos advindos dessa estrutura familiar (não exclusivamente, mas são em maior número) têm apresentado algumas dificuldades como falta de concentração e desinteresse nas aulas. Foi constatado através de observações das aulas do 4º e 5º anos e discursos de duas professoras, um dos fatores que contribuem para tal é a falta de variedades de metodologias durante a exposição das aulas devido a limitação de recursos audiovisuais.

Ainda que de um modo tímido é perceptível o advento de algumas formas de integração com as famílias monoparentais femininas através de Projetos educativos, estratégias de contato através de aparelhos celulares, o engajamento de atividades escolares dirigidas à responsabilidade das mães acompanhar o desenvolvimento quando os filhos não podem frequentar a escola por curto período de tempo e adaptações de materiais quando a família não pode contribuir financeiramente com as festinhas da escola. Mas ainda há muito caminho a percorrer rumo a uma efetiva integração com essas famílias. Olhares sob uma perspectiva de que as famílias monoparentais femininas são problemáticas não é a melhor postura a se adotar, pois o que carece não é a família em si mas todas as variáveis que formam o ambiente social em que elas estão inseridas.

Essas mulheres que optam por criar seus filhos sem a companhia de uma figura masculina ou que não escolhem mas acham-se nessa situação exercem uma jornada árdua de trabalho e ainda precisam conciliar com a vida escolar dos filhos. Muitas vezes não conseguem fazer com que seus filhos andem na linha aprovada pela escola, já que o comportamento não se constrói apenas no seio familiar, o cotidiano escolar influencia muito nos modos como a criança vai se situar perante as situações. Muitas por respeito ou medo ficam quietas, outras por não estar encontrando nada que lhe prenda a atenção ficam dispersas ou simplesmente fazendo outras coisas.

E a escola um sistema de ensino que é regido por toda um sistematização de conteúdos, metodologias, recursos, avaliação, postura de professores, cultura escolar que acabam por não dar a devida atenção à diversidade em geral. Levando assim a produzir estigmas negativos para com as mães que criam sozinha seus filhos relacionando os problemas de convivência que podem vir a ocorrer com alunos provenientes desse núcleo.

É necessário também fazer reflexões sobre como vemos a monoparentalidade feminina, afinal, como já conhecido é uma condição familiar muito presente em todos os lugares que se possa imaginar em nosso país, sejamos gestores escolares, professores, amigos, pai ou mãe, já é quase impossível não conhecer ou presenciar as lidas de mães nessa condição. Além de incorporar a beleza de contemplar os diversos segmentos familiares no âmbito escolar, pois são realidades e estão aí em nosso meio, lutando por seus sonhos, objetivos e precisam ser vistos como capazes, fortes e sujeitos de direitos e deveres.

Falar sobre a relação entre escola e família monoparental feminina é bastante trabalhoso e complexo já que abrangem dimensões conflituosas muitas vezes como é o caso estudado aqui neste trabalho, porém, são temas obrigatórios de serem pesquisados pois são locais que todos os indivíduos sem exceção tem contato, uns por maior período, outros menos, mas passam por lá. Conforme o andamento da sociedade, as estruturas e concepções de família vão incorporando mudanças. Portanto, a escola ao ser o palco que recebe os mais diversos atores, dos mais variados contextos sociais precisa rever suas concepções e posturas para que haja uma maior integração e cooperação, já que os objetivos de família e escola se entrecruzam.

Sendo assim, finalizo minhas discussões neste presente trabalho reforçando a importância da parceria entre a escola e as famílias monoparentais femininas para que os objetivos tanto da escola como dessas famílias possam ser alcançados superando assim as dificuldades encontradas durante o processo de ensino aprendizagem dos alunos, futuras peças indispensáveis para o prosseguimento da sociedade. E que por meio desta pequena contribuição na área da pesquisa seja possível dar continuidade com estudos que venham aprofundar as discussões sobre o tema tratado.

REFERÊNCIAS

Álvares, Luciana de Castro. **Famílias monoparentais femininas: um olhar sobre este arranjo familiar na cidade de Uberaba – MG.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus de Franca, para a obtenção do título de Mestre em Serviço Social, 2003.

Disponível: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/98552/alvares_lc_me_fran.pdf?sequence=1 Acesso em: 11 de junho de 2018

ARIÉS, Philippe. A família. In: _____. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Cap. 3.

BOCK, A.M.B. FURTADO, O e TEIXEIRA, M.L.T. **Psicologias. Uma introdução ao estudo de psicologia.** Editora Saraiva, 1999. Disponível em: <http://repositorio.faema.edu.br:8000/jspui/bitstream/123456789/1916/1/LIVRO%20-%20PSICOLOGIAS.pdf>

Acesso em: 08 de agosto de 2018

BRITO, Flávio dos Santos. **Mulher chefe de família: um estudo de gênero sobre a família monoparental feminina,** 2008. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/015/15brito.htm> Acesso em: 02 de julho de 2017

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

DIAS, Raiane. Cordeiro. **Famílias monoparentais femininas: O drama de educar os filhos na ausência da figura paterna.** Monografia apresentada a Faculdade de Educação e Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, (UFPA) como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, (2017)

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. Pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar, 2006.

ITABORAÍ, Nathalie Reis. **Trabalho Feminino e Mudanças na Família no Brasil (1984-1996): comparações por classe social**.^{*} Instituto Universitário de Pesquisas Rio de Janeiro, 2002.

Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1228>
Acesso em: 18 de fevereiro de 2018

LIBÂNEO, José Carlos. **As práticas de organização e gestão da escola e a aprendizagem de professores e alunos**. Texto publicado na *Presente! Revista de Educação*, CEAP-Salvador (BA), 2009, jan/abr, 2009.

LOBATO, Vivian da Silva e SANTOS, Graciete Costa dos. **Subsídios teóricos e reflexivos sobre a relação família-escola no contexto educacional brasileiro**. Margens, Revista interdisciplinar/ campus universitário de Abaetetuba baixo Tocantins/UFGA. V.8, N.11. (Ago/2014), 2014.

LUDKE, M. e ANDRÉ, A.D.E.M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MICHEL, Certeau de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2003.

NASCIMENTO, Arlindo Mello do. **População e família brasileira: ontem e hoje**. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 18 – 22 de Setembro, 2006. Disponível em: http://www.nomads.usp.br/disciplinas/SAP5846/populacao_familia_nascimento_abep06.pdf Acesso em: 18 de fevereiro de 2017

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de. MARINHO- ARAÚJO, Claysi Maria. **A relação família e escola: intersecções e desafios**. Estudos de Psicologia I Campinas

| 27(1) | 99-108 | janeiro – março 2010 Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n1/v27n1a12.pdf> Acesso em: 12 de janeiro de 2016.

SANTANA, Edith Lícia Ferreira Felisberto. **Família monoparental feminina: fenômeno da contemporaneidade?** capa v-13, n 2, 2014. Serviço Social.

Disponível em:

<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/10618> Acesso: 02 de julho de 2017.

SPIRO, Melford. **A família é universal?** Universidade de Brasília. Departamento de Antropologia, 2007.

VILELA, R. A. T. ZAGO, N. e CARVALHO, M. P.) **Itinerários de Pesquisa. Perspectivas qualitativas em sociologia da educação.** -2 edição - Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.